

# O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Anuncios, cada linha, typo commum	20 réis
Comunicados	60 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA

Quinta feira 9 de janeiro de 1896

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros....	600 "
Numero avulso .....	50 "
Faixas da união postal, 24 numeros..	15000 "

## RESUMO

Ávante! por Palermo de Faria.—Uma carta do capitão Mousinho.—Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.—Projecto de caça, por Baptista de Sá.—Carreira de tiro.—Entre um melro e um faisão, por Charles Monsel.—O leão.—Um «volazzo» no Piemonte em 1826: uma caçada aos gallos do matto.

## ÁVANTE!

ESTÁ terminada a campanha sul-africana, coroada do mais feliz exito e do mais brilhante resultado os sacrificios feitos para assegurar o nosso predomínio n'aquella immensa região, que fomos os primeiros a pisar; total e completamente destruida a calumnia de que não podemos nem sabemos dominar os cafres e que, a nossa preponderancia devia ser posta de parte por utilidade internacional, como em demasia nociva aos interesses da civilisação e do commercio.

Quando, em o nosso ultimo numero, prestavamos homenagem respeitosa e devida ao valor e á disciplina, talvez unica, do soldado portuguez, já se havia consummado a prisão do regulo que nos importunava, já se havia destruido a força e vencido a audacia d'esse potentado que, por largos annos, pretendeu esquivar-se ao nosso dominio e escarnecer da nossa bandeira.

Neste feito glorioso, que recorda as epochas mais brilhantes da nossa historia, que são d'ella continuacão honrosa, ha, quem sabe, o começo do nosso despertar, o inicio d'uma era que nos permittirá reoccupar no convívio das nações, o logar que nos pertence e que só perdemos pela indifferença e pelo adormecimento que parece haver, felizmente, terminado.

O paiz inteiro celebra com jubilo e com enthusiasmo a victoria das nossas armas; e n'estas manifestações que avigoram o amor da patria, que retemperam o animo e nos dão alento para continuar no caminho que nos apontam esses valentes, que souberam levantar tão alto o nome da terra que os viu nascer, acompanhando-os-hão todos os portuguezes leaes e sinceros, e com elles a redacção do *Tiro Civil* que representa, humilde mas sinceramente, na imprensa portugueza, a generosa idéa de entre nós se desenvolver o tiro nacional, para que ao lado do exercito se levantem todos os homens válidos em condições de prestar-lhe apoio eficaz e auxilio proveitoso.

Não podem as nações de pequena população e acanhada extensão territorial armar grandes exercitos; mas por isso mesmo se lhes impõe a necessidade de transformar em soldados todos os cidadãos, em defensores do lar, da familia,

do patrimonio, todos quantos se sintam com forças e com energia para assegurar o que de direito lhes pertence.

No dia em que o convencimento de que pelo tiro nacional poderemos ser fortes e poderemos ser poderosos, como n'esses seculos que a historia ha de perpetuar com respeito e com admiracão, Portugal, que os descendentes de D. João I souberam dilatar para alem d'esses limites que a ninguem fôra dado ultrapassar, voltará de novo á posse do seu prestigio, ao apogeo da sua gloria.

Fomos grandes, immensos, levámos a toda a parte a nossa bandeira victoriosa, porque tinhamos a convicção de que combattiamos pela Fé, de que luctavamos pelos interesses da humanidade; mas á sombra dos louros colhidos em regiões tão vastas e em climas tão inhospitos nos deixámos adormecer, como se á constante evolução dos povos fosse dado parar, um momento sequer, no caminho do progresso, no avançar da civilisação. E d'essa paragem fatal nos veio o enfraquecimento; nas delicias d'esta nova Cápua deixámos entorpecer o braço.

E' tempo de despertar, oh! Patria, berço de heroes. Levanta-te e caminha!

Palermo de Faria.

## UMA CARTA DO CAPITÃO MOUSINHO

Nos trechos d'uma carta particular do capitão Joaquim Mousinho d'Albuquerque, d'esse heroe que tão brilhantemente soube continuar as tradições do nome que já na historia portugueza tem logar honroso, e que ha pouco foi publicada pelos nossos collegas da imprensa diaria, ha phrases tão singellas mas tão eloquentes, que não queremos deixar de publicar-a, para que mais uma vez se repita ainda essa descripção d'uma batalha em que as armas portuguezas venceram inimigos numerosos e deram ao mundo inteiro uma prova inolvidavel da serenidade e da firmeza dos nossos soldados.

Em todos os periodos da carta que vae lêr-se transparece a modestia, e os factos mais heroicos estão citados como simples peripicias d'um drama que por largos annos será lembrado nos sertões africanos.

A carta a que nos referimos é a seguinte:

A cavallaria, estado maior e os medicos estavam a cavallo, a artilheria estava atrellada e ia tocar a marchar, quando do lado do O do bosque, que cerca a enorme lagoa em que estavam, rompe o fogo. Logo toca a formar o quadrado, a artilheria toma posição, a cavallaria apeia e começa o combate:

1.ª phase.—Durou uns 10 minutos. O inimigo chega até á orla do bosque a SO e rompe o fogo muito vivo. A 4.ª companhia responde; ao prin-

cipio dá tiros demais por precipitação dos soldados, mas dentro em pouco dão as descargas regulares, á voz, como n'um exercicio. A artilheria de montanha e Gruzer fez fogo vivo. Dos lados NO, S, SE ha alguns tiros, aos quaes a 1.ª companhia responde com fogo lento á principio, descargas depois. O inimigo afrouxa o fogo e o nosso cessa de todo, por ordem do coronel.

2.ª phase.—Fogo vivissimo do inimigo e nosso. Por sobre as nossas cabeças ha uma verdadeira rede de balas em todas as direcções. Sobre a face SO, avançam em massa os vatuas, que por causa do fogo param na orla do bosque, a esconder-se com as arvores. Uns 100 homens de elite avançam, correm sobre o quadrado, mas a meio caminho voltam costas, salvo uns 15 ou 20, que passam a lagôa e veem morrer a 30 e 25 metros do quadrado.

O movimento envolvente quasi se completa na orla do bosque, para onde a 3.ª companhia tambem faz fogo. Dura esta phase uns 15 minutos e foi a mais critica.

3.ª phase.—O movimento envolvente, estando quasi completo, os vatuas novamente reforçam o fogo, mas menos intenso que na 2.ª phase e dura outros 15 minutos. Depois fogem, não havendo perseguição porque o coronel não quiz arriscar a isso a pouca cavallaria.

O fogo do inimigo era muito vivo e de mais de 1:500 a 2:000 espingardas. Em geral era mal dirigido, mas alguns atiradores eram bons e apontavam com muita serenidade.

A grande maioria das armas era Martini Henry.

Do nosso lado o fogo foi bom, regular e muito bem dirigido.

Morreram 5 soldados nossos. Feridos 3 officiaes, 21 soldados e cabos.

A cavallaria prendeu os cavallos e esteve de reserva, a pé firme á espera de ter de acudir á qualquer face. Todos os soldados muito bem.

Vamos agora aos episodios.

O coronel uma perfeição de socego e serenidade. Ficou sempre a cavallo. Uma bala roçou-lhe na garupa do cavallo e elle nem pestanejou; sempre de charuto na bocca, percorrendo as faces, recommendando firmeza e socego e dizendo a sua graça a um e a outro. Muito, muito bem.

O major Sousa Machado—uma belleza. Estava a cavallo quando foi ferido no braço esquerdo. Tinha passado ao pé de mim e disse-me: «Oh Mousinho, veja os meus rapazes como estão bem.» D'ahi a pouco torna a passar a pé, pergunto-lhe eu: «Então morreu a sua gata?» (como elle chamava ao cavallo que montava.) Respondeu-me: «Não uma cousa n'um braço,» e continuou até ao fim a animar os soldados indo só depois tratar-se.

O Costa, chefe do estado maior, passa ao pé de mim, fala-me, e d'ahi a pouco vejo-o agarrar-se á crina do cavallo; corri para elle e disse-me logo: «Ferida canonica na barriga da perna, não vale nada.» Foi para o hospital de sangue, onde se apeou.

O Costa e Silva, da 1.ª companhia, com a omo-plata atravessada por uma bala, cahiu de costas. Os soldados gritam «Ail o nosso alferes!» e tres da 2.ª fila correm para o levantar. Elle levanta-se só, corre-os á pranchada para a fileira e continua a mandar o fogo até que desmaiou e os maqueiros levaram-o para o hospital de sangue.

O Ornellas andava a pé, muito socegado, com todo o dandysmo de official gentleman, dizendo graças, tomando apontamentos e de vez em quando sentando-se, para descansar, em cima de um carro—isto é, o mais exposto possivel.

Em summa, todos os officiaes que vi muitissimo bem. O Montes e o Lobo o melhor possivel.

Por fim carregámos os feridos para o hospital de sangue, onde o Braga e Montenos não descançaram um momento.

Dos soldados tudo que se diga é pouco Os que tinham ferimentos leves, logo depois de pensados, voltavam a correr para a fileira. Uma belleza. Ao menos em combate os portuguezes

ainda são pelo menos tão bons como os mais valentes que haja.

A' tarde, ás 6 horas, fez-se o enterro dos 5 soldados mortos. Arranjamos-lhes um cemiterio no bosque, debaixo das arvores, cercado de fio de arame e abatizes por causa das hyenas. Foram todos os officiaes, excepto 8 (dois por face de quadrado) e 6 praças por companhia.

Quando se enterraram, o coronel fez uma breve allocução, lembrando que tinham morrido como soldados ao serviço d'el-rei. Ajoelhou tudo de chapéu na mão, deram-se as tres descargas do estylo, tocaram as cornetas a marcha de estandartes e levantamos-nos. Ha exequias ou enterramentos pomposos que valham isto? Chega-se a ter inveja dos mortos! A primeira mão cheia de terra foi deitada sobre cada um pelo seu capitão respectivo.

### ASSOCIAÇÃO DOS

### ATRADORES CIVIS PORTUGUEZES

REUNIU no sabbado, em sessão extraordinaria, a direcção d'esta patriótica sociedade. Pelo sr. J. Fraga Pery de Linde, vogal da direcção, foi dada a noticia de ter sido preso o Gungunhana, resolvendo-se em seguida que na acta se lançasse um voto de congratulação por tão feliz acontecimento, que representava o triumpho das armas portuguezas na campanha da Africa oriental.

No domingo 5, á noite, reuniram-se nas salas da Associação muitos socios, illuminando-se a fachada e hasteando-se a bandeira da Associação. A convite da direcção foram alli os srs. tenente coronel Raposo Botelho, capitão Vergueiro, tenentes Chrysogono Pinto e Raul Pinhoiro Chagas e alferes José Sampaio e José Pires, mestre d'armas da Associação e um dos expedicionarios a Lourenço Marques, e um numeroso grupo de socios da Associação dos Atradores Civis Estrella.

Difficilmente se descreve o entusiasmo de todos. Trocaram-se numerosos brindes, e o sr. tenente coronel Raposo Botelho agradecendo em nome do exercito os vivas que lhe eram dirigidos, fez n'um brilhante improviso a apologia do nosso soldado, pondo em relevo as suas extraordinarias condições de serenidade e firmeza, as suas incomparaveis aptidões para campanhas onde se exige muita sobriedade e muita disciplina, alliada a muita bravura e concluiu dizendo que o soldado saía do povo, da classe civil e que ao terminar o tempo de serviço para o povo voltava e que portanto queria n'um só brinde reunir todos e por isso brindava a Portugal. Respondeu-lhe em nome da direcção o sr. Anselmo de Souza que brindou ao exercito na pessoa do seu chefe o sr. conselheiro Pimentel Pinto.

Fallaram ainda com entusiasmo os srs. Vergueiro, E. Noronha, Consiglieri Pedroso, Pery de Linde, José Castello Branco, etc. Todos os brindes demonstraram bem o entusiasmo de que todos estavam possuidos, entusiasmo que era sincero e que augmentou mais ainda quando o sr. Fraga Pery deu a noticia do telegramma da parada que se fazia em Lourenço Marques, e que tinha por fim provar bem que o regulo preso era na verdade o Gungunhana e evitar que os nossos calumniadores negassem, como costumam, a identidade do famoso chefe.

Houve vivas a El-Rei, á armada, ao exercito, ao capitão Mousinho, aos nossos marinheiros e soldados, á patria, ao povo, á victoria das nossas armas, ás associações de tiro civil, ao povo suizo que

esteve representado pelo sr. A. Leuzinger, que se associou em nome do Grupo suizo ás patrióticas manifestações e ao Grupo Patria que estava representado pelo sr. João Pedro Fernandes.

A philharmonica Instrucção e Recreio Fraternal tocou o hymno da Carta que foi saudado com uma salva de palmas.

A direcção da Associação dos Atradores Civis Portuguezes em manifestação de regosijo pela victoria das nossas armas mandou que a fachada da sua sede se illuminasse durante as noites de 5, 6 e 7, conservando-se içada a bandeira da Associação.

Pena é que estas manifestações de regosijo não tenham sido geraes e que d'ellas se esquecessem a Camara Municipal de Lisboa e algumas sociedades particulares que tão directamente se interessam pelas nossas questões ultramarinas.

\* \*

Reuniu hontem a direcção da Associação dos Atradores Civis Portuguezes, estando tambem presentes todos os membros do conselho fiscal.

Pelo 1.º secretario da direcção, sr. Anselmo de Sousa, foi apresentada e unanimemente aprovada a seguinte proposta:

«Que na noite da chegada do vapor Zaire, se reúnem os socios, pelas 7 horas da noite, na sede da Associação, afim de se dirigirem, incorporados, ao quartel de infantaria n.º 2, residencia do coronel Galhardo, commandante em chefe das forças expedicionarias e á casa da residencia do tenente coronel José Ribeiro, commandante do 1.º batalhão expedicionario, para os felicitem pelo brilhante resultado das armas portuguezas na Africa Oriental;

Que a associação tome a iniciativa de convidar a Camara do Commercio e as Associações Commercial, Industrial, dos Lojistas e todas as outras para formarem commissões de festejos e obterem dos lojistas o encerramento dos estabelecimentos no dia da chegada dos heróicos soldados portuguezes que acompanham o regulo Gungunhana;

Que n'um barco de vapor os corpos gerentes da Associação, socios e suas familias, vão esperar á barra os valentes expedicionarios;

Que a Associação se associe a todas as manifestações por tão brilhantes feitos.»

### ASSOCIAÇÃO

DOS

### ATRADORES CIVIS ESTRELLA

REUNIRAM hontem os corpos gerentes d'esta patriótica associação para deliberarem sobre a fórma de manifestar o seu regosijo pela victoria do nosso exercito em Africa. A' reunião presidida pelo sr. dr. Cunha Bellem, assistiram tambem alguns dignos socios.

Resolveu-se effectuar nas salas da associação uma sessão solemne, que opportunamente será annunciada, abrindo-se para esse fim uma subscrição que immediatamente attingiu uma cifra importante. A associação resolveu tambem fazer-se representar na chegada dos expedicionarios, indo á barra esperal-os com um numeroso grupo de socios.

Foi nomeada um commissão composta dos srs. Eduardo Nunes da Matta, Eduardo de Noronha e Gil Dias, para irem cum-

primentar os srs. ministro da guerra e marinha.

A' recita de amanhã na Trindade assistem os corpos gerentes e grande parte de socios.

### PROJECTIS DE CAÇA

(Continuado do n.º 43)

EM consequencia, pois, do estado genuinamente chaotico em que se encontra por toda a parte a numeração dos projectis de caça, numeração que cada fabricante ou vendedor adopta a seu bel prazer sem se importar com a grandissima desordem que isso causa no mundo cynegetico, os caçadores praticos ha muito que não querem saber de numerações de chumbo, quando tratam de o adquirir para este ou aquelle fim, e escolhem a olho, como fazem os seus confrades da aldeia, o tamanho que pretendem empregar.

O caçador experimentado não sente, pois, vivamente, por completo, os maus effectos d'essa gravissima balburdia, mas sente-os o caçador principiante, o caçador novato, que não sabe ou não póde preaver-se contra elles.

É a estes, por isso, que dedicamos este pequenino trabalho sobre projectis de caça, informando-os acerca de tão sensíveis dissimilhanças, sem razão nenhuma que possa justificar a sua intoleravel existencia.

Se não fosse de caracter puramente nacional o projectado congresso de caçadores, que deve reunir-se em Lisboa na proxima primavera, ouzariamos lembrar aos cavalheiros que teem de o constituir, entre outras cousas, a grande conveniencia de se tratar ahi, mas a valer, com força de vontade, de tornar uniforme, universal, a numeração do chumbo de caça, ou, pelo menos, de procurar conseguir-se a designação do seu calibre metricamente.

Emquanto ficamos fazendo votos para que se realice o nosso sonho prateado — de se acabar com esta barafunda de numerações e letras AA e BB e SS e GG, vamos dizer aos nossos confrades em S. Luiz, a esses tão sómente para quem escrevemos, qual o chumbo que costumamos usar na caça, assim de penna como de pello, o que usavamos nos nossos velhos tempos de caçador passarinho e aquelle de que nos serviriamos contra animaes que não temos tido o gosto d'espingardear sequer, mas que outros caçadores mais felizes do que nós teem experimentado o prazer infindo de verem abatidos a seus pés.

N'isso seguiremos a numeração do nosso chumbo, do chumbo portuense, desde a escumilha ao zagalote, ficando de parte a bala propriamente dita que, entre nós, se póde dispensar perfeitamente.

Antes, porém, de entrarmos n'essa esplanção, que deve ter sectarios e contrarios, vamos apresentar alguns quadros comparativos de diversas numerações de chumbo, para que melhor possam ser avaliadas, por quem nos lêr, as differenças a que nos vimos referindo, e comparados alguns chumbos de caça que, se nos quadros que vão vêr-se, figurassem por medida, em maior controversia incorreriam ainda.

Por esses quadros, que resumiremos para não se tornarem fastidiosos e superfluos, em face do fim a que elles mi-

ram, vêr-se-ha qual é o chumbo estrangeiro que mais se aproxima do nosso e como este anda trocado em seus numeros entre os nossos confrades d'aqui e as casas que o tem á venda.

Numero 1

Grossura comparada dos chumbos de caça inglezes e americanos

Lane em Nesham, Londres		Newcastle Chilled-Shot C. <sup>o</sup> Gateshead-on-Tyne	
Numeração	Quantidade de grãos	Numeração	Quantidade de grãos
AAA A	34	AAA	45
AA A	40 a 45	AA	54
AA	45	A	64
A	51	BBB B	64
BBB	57	BBB	73
BB	66	BB	86
B	85	B	100
1	91	1	118
2	128 a 137	2	130
3	154	3	160
4	200 a 205	4	196
5	249 a 257	5	240
6	317 a 331	6	308
7	388	* 6	342
8	528	7	388
9	649	8	514
10	1125	9	662
Escumilha	1910	10	971
* SG	12 1/2	11	1188
* SSG	17 1/2	12	1428
* SSSG	19 1/2	Esc. grande	1942
* LG	6 3/4	Esc. meuda	3200
M G	10 1/4	SG	9
—	—	SSG	12 1/2
—	—	SSSG	16

(Continúa.)

Baptista de Sá.

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 5 do corrente, dispararam-se 1:240 tiros com a arma de guerra.

A disposição dos alvos era a seguinte: N.º 1 e 2, normal, a 100m; n.º 3 e 4, quadrado, de 1,80 a 300m; n.º 5 e 6, normal, a 400m; n.º 7 e 8, Gungunhana, figura de joelhos, a 200m.

El-rei esteve na Carreira assistindo ao fogo e fazendo tambem numerosos tiros com diferentes armas; n.º alvo a 100m, transformou a mouche de preta em branca, tal foi a quantidade de balas que lhe collocou, com uma pequena carabina, muito simples e elegante; fez o mesmo á mouche do alvo, figura de pé, a 50m, para tiros de revolver e pistola; é preciso notar que esta mouche tem um diametro muito pequeno. No alvo a 400m, com a espingarda Lee Metford, fez magnificas séries de tiros muitos d'elles na mouche. Sempre atirador do mais fino quilate.

O sr. tenente de cavallaria, Nicolau Augusto da Conceição, um atirador de revolver distinctissimo, fez magnificos tiros no alvo a 50m, perdendo pouquissimas balas, isto com um revolver que deixava muito a desejar.

Os socios da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, que estavam em crescido numero, fizeram 450 tiros com o seguinte resultado:

No alvo a 100m,	30 disparados,	28 acertados.
» » » 200m,	150 »	65 »
» » » 300m,	100 »	90 »
» » » 400m,	180 »	95 »
Total . . . . .	450 »	278 »

Estes numeros são o sufficiente para se ajuizar da distincção dos atiradores, mas alguns ha que se destacam pela justeza dos tiros, sendo muitos, dos mais dificeis, feitos de pé, posição esta que denota bem o valor do atirador.

Tornaram-se mais notaveis no alvo a 400m, os srs. Gil Portocarrero, que em 50 tiros acertou 43, com duas mouches; Moraes Carvella, 7 em 10; Theodosio Baganha, 13 em 20; João Torres, 12 em 20; Antonio Joaquim Rodrigues, 6 em 10; Mendes de Gouvêa, 6 em 10.

No alvo Gungunhana, a 200m, os srs. Antonio Severo Pereira da Costa, em 2 séries, tiro de pé, na primeira empregou 3 em 10 e na segunda empregou os 10 tiros no alvo, é tudo o que ha de melhor, e poucas vezes alli se faz; Mendes Gouvêa, 6 em 10; Corrêa Pinheiro, tiro de pé, 10 em 20;

Prospero Meyrelles, Pedroso e Carvella, 5 em 10; Antonio J. Rodrigues, tiro de pé, 4 em 10.

No alvo a 300m, os srs. Prospero Meyrelles, 20 acertados em 20 disparados, tiro de pé; Pereira da Costa, 10 em 10, tiro de pé, uma mouche; Correia Pinheiro, 25 em 30, tiro de pé, tres mouches; Moraes Carvella, 18 em 20, tiro de pé, duas mouches; João Torres, 10 em 10; Manuel Antunes Ribeiro, 7 em 10, com uma mouche.

O sr. R. Rogenmoser, no alvo Gungunhana, a 200m, empregou uma série completa de 10 tiros, tiro deitado e no alvo a 400m, 8 em 10 com uma mouche, pertence ao distincto grupo Suisso, e é um dos melhores atiradores da Carreira.

O sr. Gonçalo Heitor Ferreira, no alvo a 400m, uma série completa de 10 tiros; no alvo a 300m, 20 em 20, com tres mouches, pertence ao Grupo Patria.

Os socios da Associação dos Atiradores Civis Estrela, fizeram 450 tiros com uma percentagem de 80 0/0.

Fizeram uma poule no alvo a 300m, séries de 5 tiros, tiro de pé, que deu o seguinte resultado: os srs. Nunes Ferreira, 4 acertados; Henriques, 4; Alves Filipe, 4; Paula e Mello, 4; E. Noronha, 3; Barata, 3; Freitas 3; Coelho, 3; Rodrigues, 3; Antunes, 2; Pedro Ferreira, 2; Rachofeny, 2; Diniz, 2.

Além d'estes distinguiram-se nos outros alvos os srs. José Moura Martins, A. de Menezes, J. M. de Castro e Moreira.

Neste domingo deviam comparecer os 1.º e 2.º grupos, faltaram nos dois 5 socios. No proximo domingo comparecerão os 2.º e 4.º grupos.

ENTRE UM MELRO E UM FAIZÃO

O MELRO com a inflexão trocista de um garoto.—Então que é feito d'essa comitiva?

O FAIZÃO.—Impertinente!

O MELRO.—Esteve nas cruzadas, monsenhor?

O FAIZÃO.—Siga o seu caminho, não ha nada commum entre nós.

O MELRO.—Acredito, dourada ave!

O FAIZÃO.—Se visse o guarda, mandar-te-hia prender immediatamente!

O MELRO.—Eis precisamente onde se nota differença entre nós; prender-te-ia eu proprio, se quizesse.

O FAIZÃO.—Não passas d'um revolucionario.

O MELRO.—Cada um é o que póde ser.

O FAIZÃO.—E eu que te julgava um gato pingado por causa do fato preto!

O MELRO.—Isso prova mais uma vez que o habito não faz o monge.

O FAIZÃO.—Em que tempo nós vivemos, justo céo!

O MELRO.—Em tempo de caça.

O FAIZÃO.—Para onde vamos?

O MELRO.—Sabel-o tão bem como eu: para a cozinha.

O FAIZÃO.—Não será na tua companhia, ao menos.

O MELRO.—Senhor, concordo, sois um manjar real. Ha numerosas maneiras de vos preparar e em todas ellas sois delicioso.

O FAIZÃO.—Basta, basta. Esses pormenores...

O MELRO.—Não tem nada que vos offenda, senhor. Que dirieis se insistisse no mau cheiro que os gastronomos exigem de vós e acerca do ponto de decomposição em que vos querem!

O FAIZÃO.—Basta, repito.

O MELRO.—Só quando o vosso ventre começa a mudar de côr e que exhalas ligeiros miasmas é que vos julgamos digno de ser levado ao espeto.

O FAIZÃO.—O espeto! E' o nosso cadafalso, senhor.

O MELRO.—Não digo o contrario.

O FAIZÃO.—Então não falles tão alto, visto que só mereces a caçarola.

O MELRO.—São todos o mesmo.

E afastou-se assobiando a Marselheza.

Charles Monselet.

O LEÃO

(Continuado do n.º 44)

Um dia, Sparrmann e os seus companheiros viram, a dois ou tres passos adiante d'elles, dois grandes leões que fugiram apenas deram pela presença dos caçadores. Estes tendo-os perseguido a cavallo, dando gritos, os leões apressaram o passo e embrenharam-se num bosque onde desapareceram.

Moffat diz ter visto os bushmen forçar um leão a largar uma presa dando apenas gritos e fazendo grande ruido.

Um rico proprietario passeava nas suas terras, de espingarda na mão; de repente viu um leão. Julgando-se certo de o matar, aponta e faz fogo, errou, porém, o tiro, e o homem foge o mais depressa que póde perseguido pelo leão.

Apresenta-se um pequeno monticulo, de pedras; sobe a elle e volta-se para traz, pegando na espingarda pela cano e ameaçando o inimigo. Por sua vez o animal pára e agaicha-se a alguns passos, com apparencia muito tranquilla. O homem não se atrevia a descer, finalmente passada meia hora, o leão affastou-se lentamente e como que ás escondidas, diz Sparrmann que conta a aventura, e logo que se viu a alguma distancia começou a correr. O animal e o homem tinham tido medo um do outro.

Uma outra prova do receio que se apodera do leão á vista do homem, é a maneira porque trata este quando o tem em seu poder. Matando immediatamente o animal que apprehende, não faz o mesmo ao homem que reduz á impotencia. Evidentemente é porque o teme ainda, embora estendido no chão e mutilado; a apprehensão d'algum lance imprevisito e não a generosidade, demora a sua vingança.

Parece que o leão quando tem comido muitas vezes carne humana, a acha tanto do seu gosto que não quer outra. Torna-se assim devorador de homens, como dizem os arabes. Longe de fugir da presença do homem procura-o então com presistencia. Mas como tem tido muitas vezes occasião de verificar a superioridade do homem branco ao homem de côr, como sabe que tem mais que reclear do primeiro que do segundo, escolhe de preferencia o preto para victima, encontrando assim o meio de conciliar a prudencia com o gosto. E' muito sabido na Africa austral que os indigenas são muito mais expostos aos seus ataques do que os colonos.

O amor proprio é tambem uma das feições caracteristicas do leão; gosta de fazer-se admirar.

E' excessivamente desconfiado. Quarente vezes alguma cilada, não ataca. Por isso deixa muitas vezes com bem pouca vontade uma presa que lhe parece demasiado facil para não ser um laço. Algumas vezes esta supposição é falsa; de modo que o homem ou o animal que a sua má estrella tinha levado ao encontro do leão, escapa assim miraculosas suas poderosas maxillas.

Eis um exemplo. Um colono do Cabo da Boa Esperança encontrou de repente um leão e ficou de tal modo assustado que caiu sem sentidos. Surprehendido com um tal resultado, o leão examinou com cuidado todos os arredores e não viu ninguém. Mas, receando alguma emboscada, fugiu rapidamente, sem tocar no homem, que continuava desmaiado.

O rugido do leão tem sido admirado em todos os tempos. Quando se ouve

nas florestas, no silencio da noite, assusta todos os seres vivos, a uma legoa em redor. As notas graves, profundas, cavernosas, misturadas a intervalos, com as notas agudas, são aterradoras, gelatinos o coração.

Quando esta grande voz se ouve, os animaes tremem nas herdades, e seguem com anciedade as diversas modulações para conhecerem a marcha do inimigo que se aproxima. Se o leão vem para as proximidades do logar em que estão encerrados, dão signaes do mais profundo terror e fazem diligencia para fugir. O olfato basta para lh'o fazer conhecer a distancia bastante consideravel, pois este carnívoro tem emanções muito fortes.

E' na primavera que o leão procura companheira e se mostra o mais dedicado dos esposos. Até chegar a occasião do parto, a leoa segue-o por toda a parte; e a maior parte das vezes o macho encarrega-se da subsistencia commum.

Diz-se que leva a galanteria até a recusar-se a comer primeiro e não se aproxima da preza por elle agarrada senão depois da femea estar farta. Em compensação esta defende-o com furia quando é atacado.

A leoa tem cento e oito dias de gestação e de dois a cinco filhos que trata e protege com sollicitude notavel. A sua coragem para os defender é proverbial. Desgraçado d'aquelle que pretender inquietar-os ou roubar-lh'os! Sentirá o pezo da sua colera e não poderá salvar a vida sem exterminar a mãe furiosa.

Como o leão tem o deploravel costume de devorar os filhos logo que nascem a leoa procura, n'um logar afastado algum esconderijo inacessivel para dar á luz. Dá de mamar aos filhos durante seis mezes, não os deixando senão para ir beber ou procurar alimento quando o macho não poude arranjar-o. Depois de desmamados leva-os á caça em companhia do pae.

Os estragos do casal leonino attingem então proporções extraordinarias, porque mata não só para sustentar os filhos, mas tambem para lhes ensinar a estrangular e despedaçar a presa. As populações da visinhança sabem o que lhes custa esta educação.

Este estado de cousas dura até os leões terem attingido proporções de tratar por si sós da propria subsistencia, epoca em que são expulsos pelos paes.

O tamanho dos leões recém-nascidos é o d'um gato chegado a metade do crescimento; d'um anno iguala o d'um grande cão. Não andam antes do segundo mez.

O pélo differe do dos adultos. E' amarello e striado com pequenos riscos escuros, que não desaparecem completamente senão aos cinco ou seis annos. A juba começa a crescer no macho aos tres annos.

A duração média da vida do leão parece ser de 35 a 40 annos.

Um facto para notar nos costumes do leão, pelo menos do leão da Africa septentrional e central, é que em razão do seu regimen carnívoro e da actividade do seu appetite, é condemnado a existencia solitaria, tem um cantão de que se arroga a propriedade exclusiva.

Nenhum outro animal da mesma especie ou de especie visinha pôde pôr o pé no dominio que reservou para si, sem ter que sustentar contra elle combate encarniçado.

(Continúa.)

## UM «TAVOLAZZO» NO PIEMONTE EM 1826

### Uma caçada aos gallos do matto

(Continuado do n.º 44)

No momento em que resoava o meu tiro, a camurça de guarda fez ouvir um grito agudo e desapareceu como por encanto; levantamos-nos todos tres como um só homem.

—Bravo! Bravo! senhor marquez! exclamou Titano lançando o barrete ao ar. Então! Ainda está cançado?

Tres camurças tinham desaparecido não sei por onde nem quando; mas a quarta, a que eu tinha apontado, debatia-se nas convulsões da agonia.

Precipitamos-nos por uma descida d'uma rapidez assombrosa, mas cujo solo um pouco esponjoso nos preservava das quedas, e em menos de meio minuto chegamos ao pé da camurça que dava o ultimo suspiro.

A minha bala entrara pelo lombo e sahira pelo ventre, o que se explica pela posição que eu occupava quando atirei.

Titano estava radiante. Pegou na camurça e pol-a sobre os hombros, como faz o bom pastor á ovelha desgarrada que reconduz ao rebanho, depois dirigimos-nos para um caminho facil que serpenteava no valle.

Começava a anoitecer.

Titano não me tinha embalado n'uma esperanza enganadora, porque regressamos á cabana muito mais promptamente do que eu ousava esperar; verdade é, que o digno homem teve cuidado para me fazer parecer a distancia mais curta ainda, de tornar a contar uma infinidade d'anecdotes de caça qual d'ellas mais interessante; em fim d'uma ou d'outra forma arranjou as cousas de modo que quando chegamos a sua casa estava menos cançado do que uma hora antes.

—Pois bem! excellentissimo, cumpri fielmente tudo quanto lhe tinha promettido. Espero que quando voltar ao nosso paiz, ainda terei a sua visita... mas é preciso que não tarde muito, continuou com uma mistura d'enfado e melancolia, porque d'aqui a pouco não haverá mais azeite na candeia.

—Por pouco que teimes n'isso enterrar-nos-has a todos, disse o marquez, ha vinte annos que te conheço e vejo-te sempre o mesmo.

—E' que, excellentissimo, ha vinte annos já eu era muito velho; foi justamente n'essa epoca que principiei a esquecer a minha idade.

—Comtudo aposto que és o que estás menos cançado de nós tres.

—E' o habito, senhor marquez, mas se paro, estou certo que caio completamente.

—Escuta continuou o marquez, creio que posso fazer-te uma proposta que te convirá.

—Vossa excellencia sabe...

—Deixemos-nos de phrases: lembras-te da promessa que me fizeste?

—Um homem honrado tem só uma palavra, d'amanhã por diante direi adeus ao contraubado.

—E' isso mesmo: pois bem, o que te impedirá então de te reformares de todo, e vires estabelecer-te em minha casa?

—Deixar as minhas montanhas excellentissimo! Sou muito bom certamente, mas valeria tanto como mandar-me em seguida para o cemiterio.

—Virás vel-as algumas vezes.

—Não é a mesma cousa, excellentissimo. Conheço-me, necessito d'este ar

vivo, d'esta solidão, d'este silencio, e de pois sobretudo da minha liberdade.

—Quanto a isso tel-a-has tão completa como aqui.

—Não me incommodaria bem o sei, senhor marquez; mas eu é que me incommodaria, o que dá o mesmo resultado.

—E's um velho tolo! interrompeu o marquez impaciente.

—Sempre se é tolo, excellentissimo, quando se não pensa como os outros.

—O que aconteceria, por exemplo, se cahisses doente?

—Mas, excellentissimo, eu nunca hei-de estar doente.

—Comtudo ha pouco fallavas do teu proximo fim.

—Isso é muito differente.

N'este momento chegavamos o que pôz um termo natural a esta conversação. Não gostei, porque tinha curiosidade d'ouvir Titano desenvolver a sua theoria sobre a possibilidade de morrer de boa saude.

No liminar da cabana encontramos o caçador do marquez, que nos esperava, e os dois cães que desatrellára. Portanto estes nobres animaes tinham feito com felicidade a sua jornada, ajuntarei que a melhor harmonia parecia continuar a presidir ás suas relações. Quanto ao braque inglez do marquez, que tinha desertado no meio da caçada, envergonhado da sua fuga tinha-se refugiado na estrebaria proximo dos machos.

Estes estavam aparelhados; mas além de não ser prudente aventurarmos-nos aquella hora nos caminhos que conduziam a Pignerol, tinhamos grande necessidade de descanso tanto o marquez como eu, de fórma que acceitamos com verdadeiro prazer a offerta que nos fez o bom Titano de passarmos ainda uma noite debaixo do seu tecto.

Convidamos-l'o a nosso turno a deixar o criado occupar-se dos preparativos da ceia, e a vir descansar connosco em frente do fogo; mas n'este ponto não nos quiz attende, e tendo-se apenas desembaraçado da sua immensa bolsa, começou a trabalhar com a mesma actividade que tinha desenvolvido na vespera, e que me pareceu sobrenatural depois da fadiga do dia.

Emquanto ia e voltava, sorrindo, piscando os olhos, e algumas vezes fallando comsigo mesmo, não o perdiamos de vista e tivemos occasião por mais d'uma vez de nos fazermos notar reciprocamente, que o seu cão seguia tambem com o olhar todos os seus movimentos, como o teria feito um criado cheio de zelo e afeição para com seu amo. Era na verdade um estudo curioso a fazer, a sympathia que parecia unir estes dois seres, e quando a elle nos entregassemos alguns instantes, surprehender-nos-hiamos a perguntar a nós mesmos, o que aconteceria áquelle dos dois que sobrevivesse ao outro.

Com certeza que nos inquieta menos o futuro quando se trata d'alguma associação de bipedes; peço perdão aos meus semelhantes.

—Taes como os vês, disse-me o marquez, poria as mãos no fogo em como é já o negocio d'esta noite que os põe em communicação de olhares e pensamentos.

(Continúa.)

Editor responsavel—MANUEL AUGUSTO PINTO

Typ. do Commercio de Portugal—Rua Ivens, 35 a 41